

A MAIOR DESCOBERTA DESDE O SÉCULO XIX

Os novos cantos da Amazônia

Cientistas identificam 15 espécies de aves antes desconhecidas na região

DIVULGAÇÃO/FABIO SCHUNCK

**Pequenos.** Maioria é de novos 'passarinhos'

DIVULGAÇÃO/VITOR DE O. PIACENTINI

**Morfologia.** Nova espécie de arapaçu-de-bico-torto

DIVULGAÇÃO/FABIO SCHUNCK

**Margem.** Chorozinho vive só de um lado do Madeira

DIVULGAÇÃO/VITOR DE O. PIACENTINI

**Diversidade.** Plumagem parecida, mas canto distinto

CESAR BAIMA
cesar.baima@oglobo.com.br

A Amazônia acaba de dar mais uma amostra de que é um enorme celeiro de biodiversidade, cujo dia mundial é comemorado hoje. Cientistas identificaram nada menos que 15 novas espécies de aves na região, maior conjunto de descobertas da ornitologia nacional desde o século XIX. O anúncio sobre os achados, feito na edição deste mês da revista "Pesquisa Fapesp", editada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, eleva em quase 1% o número de espécies de aves nativas no Brasil, país com a segunda maior diversidade deste tipo de animais, com cerca de 1.840 pássaros conhecidos, e logo atrás da Colômbia, com aproximadamente 1,9 mil.

As aves — uma da ordem dos *Piciformes*, que inclui tucanos e pica-paus, e todas demais da ordem dos *Passeriformes*, os populares "passarinhos" — serão descritas formalmente em artigos científicos a serem publicados entre o fim de junho e início de julho em volume especial do "Handbook of the birds of the world" ("Manual dos pássaros do mundo", em uma tradução livre), coleção de 17 livros considerada a "Bíblia" de ornitólogos profissionais e amadores de todo mundo.

OLHOS E OUVIDOS ATENTOS

Segundo Luís Fábio Silveira, curador das coleções ornitológicas do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo e um dos coordenadores dos estudos, a identificação das aves foi feita com base em três critérios independentes — morfologia, o que inclui a plumagem; vocalização, isto é, cantos e sons; e genético — de forma a garantir serem de fato novas espécies. Ele explica que até recentemente estas descrições de novas aves dependiam principalmente das características da sua anatomia, como as estruturas de seu esqueleto, e da sua aparência externa, como a plumagem, mas em alguns casos elas eram tão parecidas com as de pássaros já conhecidos que foram necessários estudos mais detalhados.

— Fomos muito conservadores, mas assim não temos a menor dúvida e estamos bem confiantes de que se tratam de novas espécies — diz Silveira.

Assim, o pesquisador destaca que embora a imagem tradicional de um ornitólogo envolva um sujeito de binóculos e câmera fotográfica, os ouvidos e gravadores são ferramentas tão importantes na busca por novas espécies de aves quanto os olhos.

— Em muitos casos, a primeira pista, o primeiro sinal de que estávamos em uma área com uma nova espécie foi da-

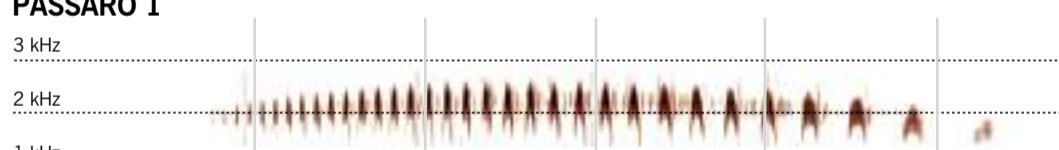
ONDE ESTÃO AS 15 ESPÉCIES DESCOBERTAS



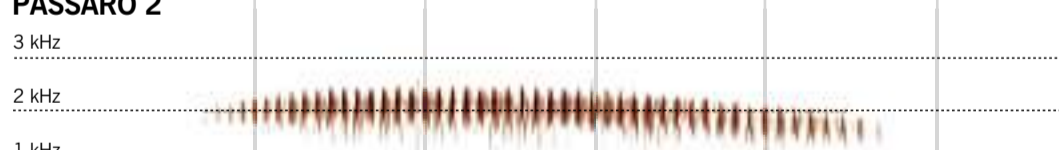
O CANTO DE ALGUNS DOS PÁSSAROS ENCONTRADOS

Os gráficos abaixo mostram os diferentes espectros sonoros de espécies semelhante do gênero *Herpsilochmus*, conhecido popularmente como chorozinho

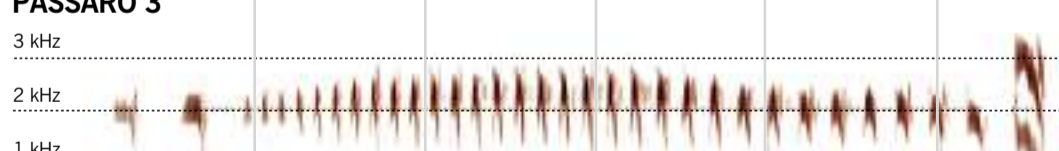
PÁSSARO 1



PÁSSARO 2



PÁSSARO 3



TEMPO 0,5 segundo 1 segundo 1,5 segundo 2 segundos 2,5 segundos

do pela audição — conta. — Andando por estas áreas, podemos perceber uma nova vocalização, cantos bem distintos que nunca tínhamos ouvido antes. É um processo de memorização bem semelhante ao de escutar música. Assim como quando gostamos de um grupo podemos escutar dois ou três acordes e identificar uma música, no trabalho de campo um canto desconhecido, algo que foge ao padrão, sobressai.

Silveira também frisa que a descoberta de tantas novas espécies não foi trabalho de apenas um pesquisador solitário ou um grupo. Além do museu da USP, participaram das cerca de dez expedições à Amazônia nos últimos cinco anos cientistas e alunos de graduação e pós-graduação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), de Manaus; do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), de Belém; e do Museu de Ciência Natural da Universidade Estadual da Louisiana, nos EUA.

— Com isso, estamos capacitando pessoas para trabalhar com a imensa biodiversidade brasileira, já que não adianta apenas descobrir novas espécies, é preciso saber lidar com elas e preservar seus habitats — diz.

JÁ EM RISCO DE EXTINÇÃO

De acordo com Silveira, por isso também foi tomada a decisão de publicar os artigos que descrevem as novas espécies ao mesmo tempo. Com habitats limitados, às vezes restritos a uma única área em apenas um dos lados da margem de um rio, algumas destas aves já estão em risco de extinção.

— Nossa ideia é chamar a atenção para as políticas públicas de preservação da Amazônia — afirma. — Várias destas novas espécies são especialistas, isto é, vivem apenas em áreas determinadas, com habitats muito restritos, de forma que qualquer alteração no ambiente vai fatalmente levar à sua extinção.

É o caso, por exemplo, de uma espécie de gralha, do gênero *Cyanocorax*, e maior das novas aves descobertas, com cerca de 35 centímetros de comprimento. Esses pássaros vivem unicamente em campinas no meio da floresta entre os rios Madeira e Purus, no Amazonas, a cerca de 150 quilômetros ao Sul de Manaus. A região, porém, é cortada pela rodovia BR-319, que liga a capital amazonense a Porto Velho, e reformas na estrada ameaçam a sobrevivência das aves.

— Nem bem foram identificadas, essas galinhas já estão em risco de extinção por causa do desmatamento na área — alerta Silveira. — É um bicho grande, que faz muito barulho, o que torna ainda mais curioso elas terem passado despercebidas tanto tempo. ●

Vírus mortal se espalha pelo planeta

Coronavírus que já matou 40 pessoas chega à África

Um novo tipo de coronavírus (NCoV), que poderia desencadear sintomas como pneumonia e falência renal, alastra-se no mundo. Ontem, um homem de 66 anos, supostamente infectado na Arábia Saudita, morreu na Tunísia. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), este seria o primeiro registro da cepa na África.

O Oriente Médio é a região com maior ocorrência deste coronavírus. Somente a Arábia Saudita concentra 22 dos 41 ca-

sos conhecidos em todo o mundo, além de nove das 20 mortes.

Até poucos meses atrás, as evidências de transmissão pessoa a pessoa eram limitadas. Mas agora a OMS acredita que este modo de infecção é provável, desde que o contato seja próximo e prolongado.

A França, por exemplo, registrou um caso de contaminação no último dia 12 dentro de um hospital, quando um paciente foi internado, por três dias, no mesmo quarto que uma pessoa cuja infecção já havia sido confirmada.

Pesquisadores temem que o coronavírus sofra mutações que o torne mais facilmente transmissível, o que poderia

provocar uma pandemia.

O NCoV é da mesma família do vírus que causou o surto de Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars, na sigla em inglês) em 2003, quando mais de 770 pessoas morreram.

PROBLEMAS RESPIRATÓRIOS

O homem tunisiano, diabético, vinha reclamando de problemas respiratórios desde o seu retorno da Arábia Saudita. Ele morreu em um hospital na cidade costeira de Monastir. Dois de seus filhos também contraíram o vírus, mas responderam ao tratamento.

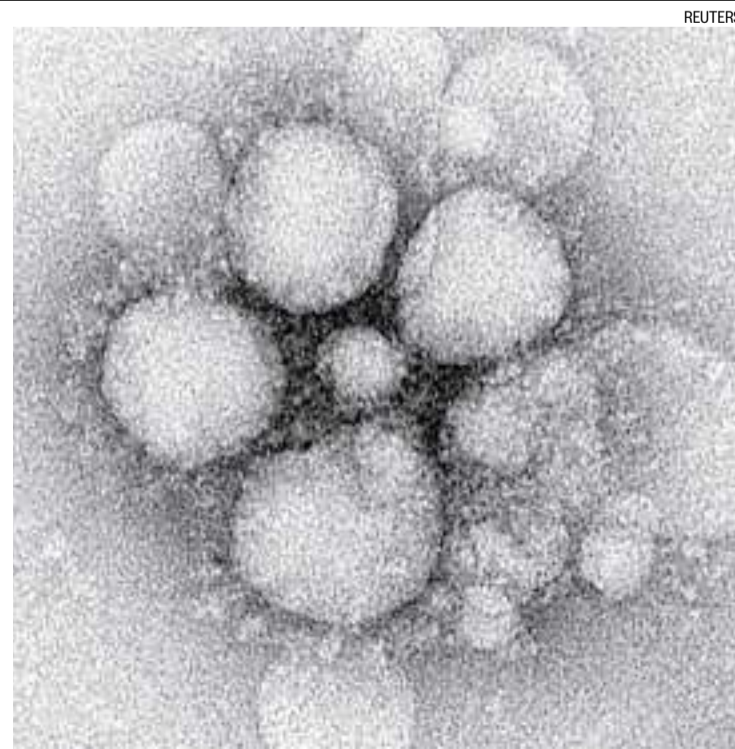
— Estes casos na Tunísia não mudaram a nossa avaliação de risco, embora mostrem que o

vírus ainda está se espalhando — alertou o porta-voz da OMS, Gregory Hartl.

Além da Arábia Saudita, já foram registradas ocorrências do NCoV em Jordânia, Qatar, Emirados Árabes, Alemanha, Reino Unido e França.

— Todos os casos na Europa tiveram uma conexão direta ou indireta com aqueles que vimos no Oriente Médio, incluindo dois registros com histórico recente de viagem para os Emirados Árabes Unidos — observou Hartl.

A origem do NCoV seria o Oriente Médio. Segundo a OMS, os morcegos, aparentemente, servem como vetores de transmissão. ●

**Micro-organismo.** NCoV já provocou 20 mortes, sendo 9 na Arábia Saudita